

Miguel Jorge também não consegue 'ganhar' BNDES

A exemplo de Furlan, novo ministro não conseguiu indicar presidente do banco

Ministro queria Gustavo Murgel, ex-Santander, mas o presidente optou por um nome mais familiarizado com a cadeia produtiva

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O nome de Luciano Coutinho para comandar o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) foi uma indicação do próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao ministro Miguel Jorge (Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior).

A decisão representou um revés para Jorge, que não conseguiu emplacar seu preferido no lugar de Demian Fiocca: Gustavo Murgel, ex-vice-presidente do banco Santander.

Jorge não se sente, porém, derrotado. Confidenciou a ami-

gos ter excelente relação com Coutinho. Chegou a trabalhar com ele no período em que ficou na Autolatina (holding que, por um tempo, controlou a Ford e a Volkswagen) e contou com os serviços de consultoria do economista em sua passagem pelo Santander.

Além disso, considera ter barrado o lobby do ministro Guido Mantega (Fazenda) pela permanência de Fiocca à frente do BNDES, o que representaria uma perda completa de autonomia sobre o banco subordinado à sua pasta.

O presidente Lula acabou seguindo a mesma política adotada no primeiro mandato, durante o qual o ex-ministro Luiz Fernando Furlan não teve liberdade para indicar um nome de sua confiança para presidir o banco.

Liberdade que Jorge, logo

após assumir, acreditava ter obtido de Lula. No dia de sua posse, ele deu entrevistas sinalizando que não manteria Fiocca e que iria buscar um substituto para seu lugar.

Disputa com a Fazenda

A partir daí, Jorge passou a enfrentar uma disputa com o Ministério da Fazenda pelo controle do BNDES que se arrastou por mais de 15 dias. Ao final, Lula optou por sua escolha pessoal, mas fez questão de dar demonstrações de prestígio ao novo ministro para evitar que ele saísse desgastado do episódio.

Foi Jorge quem fez o convite ao economista na última sexta-feira e quem o levou ontem ao Palácio do Planalto para uma audiência com o presidente Lula, quando seu nome foi oficializado.

Na primeira reunião para discutir o futuro do BNDES, Jorge citou o nome do ex-deputado federal Delfim Netto (PMDB-SP). Sabia que o presidente tinha simpatia pela indicação e recebeu aval para sondá-lo. Ouvindo, porém, a sugestão de analisar o nome de Coutinho.

Como Delfim recusou, o ministro levou a Lula o nome de Murgel. O presidente ficou de analisá-lo com o de Coutinho para substituir Fiocca, a quem já havia decidido tirar do banco.

Na semana passada, Lula chamou Jorge e disse que gostaria de indicar alguém que entendesse a cadeia produtiva — e não um nome ligado ao mercado financeiro. Ali, vetava a indicação de Murgel e selava a nomeação de Coutinho.

(VALDO CRUZ)

 **saiba mais**

Banco pode emprestar até R\$ 61 bilhões

JANAINA LAGE
DA SUCURSAL DO RIO

O novo presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) assume o banco com meta de emprestar até R\$ 61 bilhões neste ano. No ano passado, o banco emprestou R\$ 52 bilhões, um resultado recorde, mas abaixo das expectativas do governo.

Para 2007, o BNDES anunciou que pretende desembolsar entre R\$ 58 bilhões e R\$ 61 bilhões. A

definição de um intervalo como meta de empréstimo ocorreu após as críticas por não ter desembolsado integralmente o orçamento do ano passado.

Os desembolsos refletem a demanda por novos investimentos e as iniciativas de fomento de setores estratégicos por meio de condições facilitadas de financiamento.

No ano passado, as maiores aprovações foram destinadas para empresas de grande porte, como Suzano Bahia Sul, Telemar e Brasil Telecom. O BNDES é considerado a principal fonte de recursos para financiamentos de longo prazo em condições normalmente melhores do que as do mercado.

Fiocca diz que Coutinho pensa semelhante a ele

Segundo Fiocca, Lula "fez uma excelente escolha"

GUILHERME BARROS
COLUNISTA DA FOLHA

Demian Fiocca, que esteve à frente do BNDES nos últimos 12 meses, afirmou que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez uma excelente escolha ao optar por Luciano Coutinho para sucedê-lo na instituição.

"Luciano tem trabalhos importantes na área do desenvolvimento industrial, é uma pessoa de visão de mundo progressista, parecida com a minha, e estou seguro de que fará um excelente trabalho no banco."

Apesar de visivelmente emocionado, Fiocca, que falou à Folha ontem à noite por telefone, disse que deixava o banco consciente de ter realizado um trabalho importante para o futuro do BNDES. "Saio com a sensação do dever cumprido."

Fiocca disse que não definiu ainda seu futuro. Preferiu conversar ao ser indagado se teria sido convidado pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega —que foi quem o levou para o governo— para ocupar a Secretaria do Tesouro Nacional. Disse apenas que, no momento, iria entrar em férias, coisa que não consegue ter desde que começou a trabalhar no governo, em 2003.

"Há quatro anos cumpro jornada de trabalho de 12 a 14 horas por dia e, nesse período, consigo, no máximo, tirar

duas semanas de férias. Pretendo, agora, tirar umas férias e depois decidirei meu futuro."

Fiocca diz que o BNDES vive, hoje, um dos melhores momentos de sua história. Nos últimos 12 meses até março, os desembolsos do banco somaram R\$ 56,7 bilhões, com crescimento de 28% em relação ao mesmo período do ano anterior. O volume de financiamentos aprovados foi de R\$ 82,3 bilhões —aumento de 49%.

Além da recuperação da economia e da queda dos juros cobrados pelo banco, a TJLP, Fiocca atribuiu esses números também à maior agilidade do banco nas aprovações.

Segundo Fiocca, entre os anos de 1997 e 2000 os projetos mais complexos demoravam de sete a nove meses para serem aprovados, a partir da consulta. Entre 2001 e 2004, o prazo aumentou para 10 a 12 meses. A partir de 2005, a queda foi consistente, e, hoje, o prazo gira em torno de 25 dias.

Fiocca diz que toda essa melhora foi obtida mesmo tendo hoje um conjunto muito maior de exigências e obrigações legais a serem cumpridas. De acordo com ele, até há pouco tempo, primeiro se aprovava o pedido de empréstimo e depois se conseguia a licença ambiental. Hoje, o financiamento só é aprovado depois da licença.

Mercado aprova nome indicado para o BNDES

DA REPORTAGEM LOCAL

O mercado financeiro e os empresários aprovaram a indicação de Luciano Coutinho para o BNDES. No mercado, a surpresa seria a escolha de Gustavo Murgel, ex-vice-presidente do Santander, um dos cotados.

"Não há problema em ser alguém de fora do mercado. O BNDES precisa de gente com perfil desenvolvimentista", disse Álvaro Bandeira, presidente da Apimec (Associação dos Profissionais de Investimento). Para André Ng, da Infnit, não haverá mudança. "Luciano Coutinho é respeitado como técnico. Presta consultoria para o mercado", disse.

O presidente da CNI (Confederação Nacional da Indústria), Armando Monteiro Neto, diz que a escolha foi feliz. "Ele [Coutinho] vai dar dimensão ao principal instrumento de política industrial", afirma.

Para Claudio Vaz, presidente do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), Coutinho é "uma autoridade" em desenvolvimento. "Conhece muito o setor", disse.

Newton Melo, presidente da Abimaq, associação que reúne os fabricantes de máquinas, diz que Coutinho "não será um presidente de visão financista". O presidente da Abdib, associação da área de infraestrutura, Paulo Godoy, vê Coutinho com "experiência técnica e prática" no mundo dos negócios.

Empresários e economistas elogiam perfil "industrial"

De São Paulo e do Rio

A indicação de Luciano Coutinho para a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) foi muito bem recebida por empresários, acadêmicos e economistas. O acúmulo de Coutinho nas discussões sobre os rumos da indústria e do desenvolvimento, além de sua convicção de que a valorização do câmbio tem prejudicado o setor produtivo, explicam o entusiasmo com sua escolha. Para os entrevistados, sua escolha reafirma, mais uma vez, o caráter desenvolvimentista que o presidente Lula deseja conferir ao seu segundo mandato.

A economista Maria da Conceição Tavares não poupou elogios. "Estou satisfeita, ele é um dos nossos, um desenvolvimentista". Para ela, Coutinho é extremamente competente e diplomata, "capaz até mesmo de fazer com que o ministro (Miguel Jorge) diga que ele (Coutinho) foi escolha dele".

Conceição acredita que o novo presidente do BNDES certamente saberá evitar conflitos com o ministro do Desenvolvimento. Isto, aliás, já foi sinalizado nos rituais que cercaram a indicação do economista e sua chegada ao Planalto, comentou. "Ele saberá evitar aquela 'guerra surda' que acontecia entre Carlos e Furlan, porque Lessa foi nomeado por cima", avaliou. Para ela, o banco deve executar a diretriz de desenvolvimento do governo e "fazer andar o PAC".

Cláudio Vaz, presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), diz que Coutinho é uma autoridade em competitividade e desenvolvimento e assume o banco em melhores condições que seus antecessores, o que aumenta suas chances de sucesso.

Na avaliação do empresário, o

BNDES já vivenciou uma retomada importante nas gestões Guido Mantega e Demian Fiocca, após dois anos de inoperância. "Coutinho vai pegar o banco numa fase mais ativa, com uma dinâmica melhor e o papel do BNDES pode ser ainda melhor, porque ele vai suceder quem já fez uma boa gestão."

O economista Luiz Gonzaga Belluzzo considera "sábia" a indicação. "Além de ser especialista na área, ele tem excelente relação com empresários do setor produtivo", comenta. Belluzzo acredita, porém, que o BNDES precisa de uma postura mais ousada. "Fiocca fez um bom trabalho, mas agora é preciso pensar em novas formas de financiamento e facilitar o acesso de pequenas e médias empresas."

O diretor do BNDES, Antônio Barros de Castro, também elogia seu novo presidente. "O Luciano Coutinho é um dos maiores economistas industriais do país. Isso é consensual. Ele já era candidato no início do governo Lula, tem o preparo, sem dúvida alguma. Tem tradição no ramo", disse.

O professor da Unicamp Mariano Laplane, que teve Coutinho como orientador no doutorado, diz que ele conhece profundamente a indústria brasileira, os pontos fracos e os fortes dessa atividade e saberá aprofundar o desenvolvimento do país. Vaz acredita que Lula quer imprimir a marca do desenvolvimento nos próximos quatro anos e, para isso, "o BNDES é o instrumento mais importante".

Paulo Godoy, presidente da Associação Brasileira da Infra-estrutura e das Indústrias de Base (Abdib), diz que vê com otimismo o anúncio. "Coutinho tem uma boa experiência acadêmica como economista e o trabalho feito na consultoria deu-lhe também experiência em avaliação de negócios."

**Vera Saavedra Durão
e Chico Santos**
Do Rio

O economista Demian Fiocca, 38, quer entrar para a história do BNDES como o presidente que conseguiu, finalmente, desburocratizar e agilizar a concessão de financiamentos pelo banco, uma reivindicação do empresariado sempre perseguida, sem sucesso expressivo, por sucessivas gestões.

Em entrevista ao Valor ontem à noite, Fiocca falou do trabalho que vinha fazendo para agilizar os procedimentos do banco e afirmou que Luciano Coutinho "foi uma excelente escolha" e que o economista tem credenciais para fazer "um excelente trabalho". Ele disse também que vai colocar-se à disposição do novo presidente do BNDES para "fazer uma transição o mais coordenada possível", com o objetivo de dar continuidade ao que seja necessário continuar.

O trabalho para acelerar procedimentos, que vem sendo coordenado pelo chefe de gabinete de Fiocca, Luciano Siani Pires, já está dando resultados, segundo estatísticas apresentadas por Fiocca. O prazo para aprovação de projetos considerados complexos era de 12,07 meses em novembro de 2004, quando o atual ministro da Fazenda, Guido Mantega, assumiu o banco. Caiu para 10,61 meses em março do ano passado, quando Fiocca passou de vice a presidente, e fechou março deste ano em 6,74 meses. Além disso, o "spread" médio sobre a Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP) dos financiamentos passou de 2% em dezembro de 2005 para 1,4% atualmente.

O pacote de medidas prontas para serem colocadas em prática nos próximos meses inclui a criação de um "empréstimo-ponte"

Fiocca diz que entrega banco mais ágil e com juro menor

como produto de prateleira, permitindo à empresa receber recursos, em condições especiais, para tocar a obra enquanto o projeto ainda estiver em tramitação no banco, desde que o cliente seja de baixo risco. Essa medida, de acordo com Fiocca, será especialmente importante para projetos de infraestrutura, como os cerca de 30 empreendimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), já mapeados pelo BNDES.

Outra medida que promete ter impacto é a ampliação da linha de limite de crédito, uma espécie de cheque especial gigante, criado por Mantega para acelerar os empréstimos a clientes que tenham os melhores ratings na avaliação de risco do banco. Hoje, esse "cheque especial" pode ir, no máximo, ao limite de R\$ 900 milhões.

Tanto este limite poderá ser ampliado como a empresa que esteja abaixo do limite poderá elevar sua capacidade de operar, quanto mais dê ao BNDES conhecimento das suas estratégias. Além disso, os prazos para pagamento, hoje limitados a cinco anos, ficarão alinhados com os prazos das linhas normais do banco.

Além disso, o banco planeja fazer análise e enquadramento de projetos simultaneamente e exigir garantias de acordo com o grau de risco da operação, a ponto de poder, para clientes excepcionais, eliminar a exigência de garantias. No futuro, o BNDES pretende ainda fazer os trâmites de relacionamento com os clientes por via digital, aperfeiçoando procedimentos já feitos no Cartão BNDES, uma linha para empresas de pequeno porte.

Fiocca não quis entrar em detalhes sobre a trajetória da TJLP, ainda considerada alta, e nem falar sobre os juros da economia, evitando atrito com o Banco Central.